

A mãe de um revolucionário, de Hebe de Bonafini

*Maria Fernanda Garbero
Leticia Rebollo Couto*

Quando Jorge e Maria Helena chegaram na esquina, olhavam para todos os lados. Ela, miúda, de minissaia vermelha, camisa branca e cabelo comprido. Ele, sério, preocupado, levava em uma das mãos uma grande mala de couro vermelha e calçava sapatos bem lustrados, vestido com calça jeans e jaqueta. Pararam um táxi e, quando iam se sentar, Hebe chegou correndo: “Pra onde vocês vão?” Jorge se apressou em responder “vamos sair por uns dias, se você puder, passa algumas vezes lá em casa. Mas não se preocupe, mãe. Te ligo às duas.” O táxi partiu e Hebe ficou petrificada, pra onde eles estariam indo? O que aconteceu? Que angústia.

Ao chegar em casa, queria disfarçar, mas não conseguia, queria se sentar ao lado do telefone, mas ainda faltavam quatro horas para as duas da tarde. Queria ligar para a sua amiga Susana, mas não ligou, porque alguma coisa lhe dizia que era melhor não contar para ninguém que eles tinham partido. O cachorro pulava pedindo carinho, porém tudo incomodava Hebe. Decidiu então preparar alguma coisa para o almoço, para quando chegassem Raul, da faculdade, Alejandra, da escola e Tôto, do trabalho.

Abriu a geladeira, olhando tudo sem enxergar, queria achar alguma coisa, tirou abobrinhas, ovos, um pedaço de carne e se aproximou da bancada da pia, procurou o facão e a tábua de carne; colocou seu velho avental de listras azuis e brancas que, como todos os seus outros aventais, estava desbotado no lado esquerdo, lado que sempre usava para secar as mãos. Com seu olhar perdido janela à fora, via quando Jorge e Raul eram pequenos e brincavam na árvore dos fundos, no seu próprio recanto, seu mundo. Também via quando pescavam rãs no valão, na época em que Tôto, pai deles, levava os dois para caçar enguias. Via os cadernos cheios de capricho de Jorge, os insetos de Raul cravados numa tábua. As lágrimas

começaram a descer como torrentes pelo seu rosto. Puxou um lenço, se enxugou e começou a cozinhar. Já faltava pouco para que chegassem Alejandra, que sempre vinha com muita fome.

O telefone tocou, e ela pulou para atender. Era Raul para avisar que não viria almoçar. Hebe estava com medo e resolveu não contar nada sobre a partida do irmão e da companheira. Alejandra chegou com o avental escolar numa mão e um bolo de figurinhas na outra. “Manheeeê, tô com muita fome, posso arrumar a mesa?” Hebe respondeu automaticamente. Sentaram-se frente a frente. “Que que você tem, mamãe?”. Hebe disse que estava um pouco resfriada, serviu a comida e ligou a televisão, pois assim não precisavam conversar. Alejandra perguntou por Raul e continuou vendo os desenhos animados.

Para Hebe o tempo não passava nunca. Tôto chegou e, enquanto ele almoçava, ela contou sobre Jorge e Maria Helena. Ele largou o prato e perguntou: “por quê?”. Ela não respondeu. O telefone tocou novamente, era Jorge. “Mãe, te espero no bar da galeria Saturno às quatro.” “Por que num bar?”. “Depois te explico, vem sozinha.”

Hebe quis deitar um pouco, mas não conseguia parar quieta. Alguma coisa não estava bem, ela pressentia. Às três, tomou um banho, trocou de roupa, deu um beijo em Alejandra, que continuava vendo televisão, deu um abraço em Tôto. Ele, quase sussurrando, falou: “te cuida”. Quando chegou na esquina, no ponto do ônibus Dom Roque, o jardineiro do bairro disse que um carro vermelho com vidros escuros estava dando voltas por ali. Ela deu um suspiro e subiu no ônibus sem falar nada.

Entrou na galeria tremendo. Ali na cafeteria do bar estavam os dois. Jorge tinha raspado a barba e cortado o cabelo. Maria Helena tinha uma trança e olhava para todos os lados. Hebe perguntou como e por quê. Jorge, de pé e pálido, só lhe deu um abraço e disse:

— Mãe, você sabe que a mãe de um revolucionário tem que estar pronta... pra tudo.

*

La madre de un revolucionario

Cuando Jorge y María Elena llegaron a la esquina miraban para todos lados. Ella menuda de minifalda roja camisa blanca cabello largo, él serio preocupado

llevaba en la mano una gran valija roja de cuero, vestía zapatos lustrados, vaquero y campera. Pararon un taxi y cuando se iban a sentar apurada llegó Hebe: “¿adónde van?” Jorge se apresuró a contestar nos vamos por unos días, si podés pasá por casa. Pero no te preocupes, mamá, a las dos te llamo. El taxi arrancó y Hebe se quedó petrificada, “¿adónde se irían?”, “¿qué pasó?”, qué angustia.

Cuando llegó a la casa quería disimular pero no podía, se quería sentar al lado del teléfono pero faltaban cuatro horas para las dos. Quería llamar a su amiga Susana, pero no, porque algo le decía que mejor no contar que los chicos se iban, el perro saltaba buscando mimos pero a Hebe todo le molestaba. Decidió preparar algo para comer para cuando llegara Raúl de la facultad, Alejandra de la escuela y Toto del trabajo.

Abrió la heladera y miraba sin mirar, quería encontrar algo, sacó zapallitos, huevos, un pedazo de carne y se acercó a la mesada, buscó la cuchilla y la tabla de la carne, se puso un viejo delantal rayado azul y blanco que como todos los delantales estaba percidido en el lado izquierdo que es donde siempre se secaba las manos, la mirada se le perdía por la ventana y veía cuando Jorge y Raúl eran chicos y jugaban en el árbol del fondo allí tenían su guarida, su mundo, también los veía cuando pescaban ranas en la zanja cuando Toto el padre los llevaba a cazar anguilas, veía los cuadernos proljos de Jorge, los insectos pinchados en una tabla de Raúl, las lágrimas comenzaron a correr como torrentes sobre su cara sacó el pañuelo y se puso a cocinar. Ya faltaba poco para que llegara Alejandra que siempre venía con mucha hambre.

Sonó el teléfono, saltó hacia él. Era Raúl para avisar que no vendría a comer, Hebe tuvo miedo y decidió no contarle lo de los chicos. Llegó Alejandra con el delantal en la mano y un montón de figuritas en la otra, Maa tengo mucha hambre, ¿pongo la mesa? Hebe le respondió maquinalmente. Se sentaron frente a frente. ¿Qué te pasa mami? Hebe le contestó estoy un poco resfriada, sirvió la comida y prendió la tele así no tendría que dialogar, Alejandra preguntó por Raúl y siguió con los dibujitos.

Para Hebe el tiempo no pasaba nunca, llegó Toto y mientras comía ella le contó lo de Jorge y María Elena, él dejó de comer y preguntó ¿por qué? Ella no respondió. Sonó nuevamente el teléfono era Jorge: mamá te espero en el bar de la Galería Saturno a las cuatro. ¿Por qué en el bar? Despues te explico vení sola.

Hebe se quiso recostar pero no podía estar quieta, algo andaba mal, lo presentía. A las tres se bañó se cambió le dio un beso a Alejandra que seguía mirando la tele, lo abrazó a Toto y él así, como un susurro le dijo “cuidate”. Cuando llegó a la esquina donde paraba el colectivo don Roque el jardinero del barrio le dijo

que andaba pasando por la cuadra un auto rojo con vidrios oscuros, ella suspiró, subió al colectivo sin contestar.

Entró en la galería temblando, allí en la cafetería estaban los dos, Jorge se había cortado la barba y el pelo, ella tenía una trenza y miraba para todos lados. Hebe preguntó los por qué y los cómo. Jorge erguido y pálido la abrazó y le dijo:

– Mamá, la madre de un revolucionario se debe preparar para todo.

*

Hebe Pastor de Bonafini nasceu na Ensenada, província de Buenos Aires, no dia 4 de dezembro de 1928. É uma ativista argentina, fundadora e presidente da associação das Mães da Praça de Maio. A Associação MÃes da Praça de Maio surgiu como resposta à cruel ditadura militar de Jorge Rafael Videla, período durante o qual desapareceram 30 mil jovens revolucionários e muitos filhos que foram arrebatados dos braços de suas mães. Bonafini perdeu seu primeiro filho, Jorge Omar Bonafini (27), no dia 8 de fevereiro de 1977, logo em seguida desapareceu seu segundo filho, Raúl Alfredo Bonafini (24), no dia 6 de dezembro do mesmo ano. Desde então, a ativista empreendeu a luta contra os delitos de lesa humanidade cometidos pelos governos repressores. Em 2001, dois indivíduos entraram em seu domicílio, e como não encontraram Hebe em casa, torturaram sua filha Alejandra, quem recebeu vários golpes físicos e queimaduras de cigarros. Atualmente, as MÃes da Praça de Maio continuam sua marcha ao redor da pirâmide de Maio todas as quintas feiras, como afirmação da vigência de suas demandas: recuperar os corpos de seus filhos desaparecidos.

Hebe Pastor de Bonafini nació en Ensenada, provincia de Buenos Aires, el 4 de diciembre de 1928. Es una activista argentina, fundadora y presidenta de la Asociación Madres de Plaza de Mayo. Las Madres empiezan a formarse como movimiento en abril de 1977, inicialmente en búsqueda de noticias sobre sus hijos, encontrándose en la Plaza de Mayo. Con el tiempo, se firman como el actor político Madre, en respuesta al terrorismo de Estado perpetrado por la dictadura cívico-militar argentina (1976-1983), durante la cual desaparecieron 30 mil jóvenes revolucionarios. Bonafini perdió a su primer hijo, Jorge Omar Bonafini (27), el 8 de febrero de 1977, seguidamente desapareció su segundo hijo, Raúl Alfredo Bonafini (24), el 6 de diciembre del mismo año. Desde entonces la activista emprendió la lucha contra los delitos de lesa humanidad cometidos por gobiernos represivos. En 2001, dos individuos ingresaron a su domicilio, y al no encontrarse

Hebe, torturaron a su hija Alejandra, quien recibió varios golpes y quemaduras de cigarrillos. Actualmente, las Madres de la Plaza de Mayo continúan marchando alrededor de la pirámide de Mayo todos los jueves como afirmación de la vigencia de sus demandas: recuperar los cuerpos de los desaparecidos.

Nota das tradutoras

O conto “A mãe de um revolucionário”, de Hebe de Bonafini (La Plata, Argentina, 1928), faz parte da coletânea *El corazón en la escritura*, composta por textos escritos pelas mães dos desaparecidos-forçados na última ditadura civil-militar argentina (1976-1983). Hebe de Bonafini é a presidente da Asociación Madres de Plaza de Mayo. Os contos, poemas e pensamentos que estão no livro foram escritos durante as oficinas literárias semanais, organizadas para elas pelo escritor Leopoldo Brizuela, entre 1993 e 1996.

Optamos por deixar os nomes próprios tal qual constam do original, pois o conto é de natureza autobiográfica e os nomes correspondem aos do marido e filhos de Hebe Bonafini, dona de casa, que se casou no dia 29 de dezembro de 1942 com Humberto Alfredo Bonafini (o *Toto* deste conto). Ela tinha 14 anos e tinha acabado apenas o ensino fundamental. O casal teve três filhos: Jorge Omar o mais velho, Raúl Alfredo o do meio e María Alejandra, a caçula. No dia 08 de fevereiro de 1977 seu filho mais velho, Jorge, foi sequestrado e no dia 6 de dezembro o mesmo aconteceu com seu filho Raúl. No dia 25 de maio de 1978, sua nora María Elena, casada com Jorge, também desapareceria.